

no fundamento transcendente que cria uma sociedade aberta, capaz de progredir na justiça.

Esta apreciação da vida política como dimensão criadora de justiça tornou o conceito de *zoon politikon* central em várias correntes contemporâneas. O neo-aristotelismo da filosofia prática, num Hennis e num Volpi; a recuperação existencial da filosofia antiga em autores como Eric Voegelin e Leo Strauss; o neotomismo na linha de Maritain e Yves Simon; a intenção hermenêutica de Paul Ricoeur e Gadamer; o aristotelismo sentimental de Hannah Arendt ou o recente anarco-aristotelismo do britânico B.L. Crowley, eis revalorizações que centram a política na cidadania participativa. Nesta medida, afastam-se das utopias anti-políticas do liberalismo e do socialismo que dispensariam as escolhas substantivas e o exercício crítico da liberdade. A convicção razoável, tipificada por Hayek, de que a solução institucional da livre interacção de pessoas, bens e serviços é superior ao socialismo planeado, gera, em espíritos menos lúcidos, a ilusão de que os homens podem viver sem conflitos na "nova ordem do fim-da-história". Este efeito perverso de doutrinas económicas e políticas razoáveis que, por si mesmas, não substituem a filosofia, marca a deficiente antropologia do liberalismo.

Assinale-se ainda que a posição anti-política da "nova ordem do fim-da-história" compromete a cidadania como espaço de constituição da *eu zen*. Em nome de valores estimáveis herdados do Iluminismo tais como debate racional e autonomia, subestima-se a importância do poder público coercivo. Tais visões que eliminam subtilmente a faceta da autoridade são óbvias, por exemplo, na hiper-valorização por Habermas do conceito hegeliano de sociedade civil, em detrimento do papel atribuído ao estado pelo *philosophus teotonicus*. Tais idílios moralistas e outros misticismos primários fazem esquecer que tanto a *polis* de Aristóteles como o *Staat* de Hegel salientam o carácter insubstituível do estado. Como lembrou Carl Schmitt, "a situação normal da política está sempre aberta ao desafio da excepção" face ao qual o uso decisivo do poder soberano é um recurso necessário. Na cosmopolis moderna a

política dificilmente produzirá modelos de *homonoia*, ou seja, identidade entre *ethnos* e *ethos*, entre um povo auto-consciente e uma maneira de estar no mundo. E é mesmo indesejável a fantasia totalitária de reunir num só mundo, num só império ou numa só federação, as *poleis* humanas e o espaço da pessoa.

Estamos destinados a demorarmos num mundo em que a realidade política se diferencia em estado e sociedade civil; a separação institucional entre as duas instâncias é a melhor garantia para o espaço da amizade. Mas

também somos chamados a fazer intervir na cidade esse cuidado que nos merece o próximo. Mantém-se, pois, a tensão entre filosofia e cidadania expressa por Platão na *Apologia*. Ou Sócrates é louvado ou é condenado; ou se admite que serviu a cidade por amizade ao fundamento divino ou se prova que atacou os deuses da cidade e as ideologias em nome dessa mesma amizade. A filosofia não aceita ser absolvida; em tempos de comunicação de massa, exige estar presente nos tribunais dos fazedores de opinião. □

A ilusão moral do pensar e a lição esquecida da *areté*

CARLOS H. DO C. SILVA

I NTRODUÇÃO Tomando-se a Ética de Aristóteles como paradigma, mostra-se que a moral se constitui ilusoriamente como meta-discurso filosófico a partir do momento em que "a filosofia vai à escola" (Heidegger) e se dá o esquecimento da *physis* (e do *ethos/lógos* próprio) para dar início ao *nómos* (ético-político).

1. Alição da *areté* heróica e homérica, ainda de algum modo presente em Heraclito, transforma-se num discurso político, doméstico, já que não atende à realização (cós mica) do homem, mas à busca (antropológica) da felicidade.

2. O erro da filosofia humanística, que também se diz ter sido iniciado com Aristóteles, tem de ser denunciado num por em causa o carácter decadentista de toda a filosofia moral, não criativa nem sábia, mas tantas vezes sintomática da má consciência, ou até do medo, recorrendo a título de formas desiderativas, a autoridades e leis, finalidades e valores... numa pretensa universalidade científica e gestão da felicidade própria e alheia.

3. Porém, também na moral aristotélica das virtudes se repercute a lição de uma filosofia prática que não pensa a acção, mas constitui uma inteligência das disposições e forças da natureza irreduzíveis à pura lógica e, outrossim, conjugáveis com a vontade e a realização moral do homem. E menos uma ciência moral e antes uma pedagogia, como arte de realização da vida, sem, no entanto, decair para a poética ou para o domínio do artifício.

4. Esta lição heróica da arte de viver, que se podia ainda ler como uma *psicologia da virtude* (na acepção de uma pedagogia psicagógica) ou na formação da consciência moral, subordina-se no entanto à Verdade mesma. Em certo praticismo antigo e moderno na pretensão autonomia ética cumpre-se a cegueira da Verdade e a ausência de uma filosofia que busque a *razão de ser última*. No pensamento antigo tende-se, contudo, a salvar a metafísica, subordinando o plano da *acção teórica* (ou contemplativa) nunca redutível a uma filosofia da acção ou dos valores.

Nota conclusiva. Por esta via contemplativa e por aquela ascética das virtudes entende-se privilegiar a herança antiga em ulterior realização ascético-mística. Será mais como uma "medicina" espiritual-técnicas eficazes de transformação interior-do que nas consequências da ciência moral do humanismo ou da política predominantes na história do pensamento ocidental. Destemodo, a filosofia deixará de se autodeterminar como um discurso suposto justificativo da acção, ou mesmo interpretativo e hermenêutico, (no que constituiria um esbanjar de energias de uma inteligência realizadora e transformante de facto da vida) para se determinar como um exercício virtuoso, na humildade obediencial à luz da Verdade não uma ciência moral, mas uma filosofia que no seu "amor ao saber" não diz outra coisa senão esse ser benfazejo, essa diligência também de uma "sabedoria do amor". □